



# MERCADO DE TRABALHO FARMACÊUTICO NO BRASIL

2010 a 2015





Marselle Nobre de Carvalho  
Silvana Nair Leite

# MERCADO DE TRABALHO FARMACÊUTICO NO BRASIL

2010 a 2015



**ESCOLA  
NACIONAL DOS  
FARMACÊUTICOS**

**1ª Edição  
São Paulo  
Dezembro/2016**

**Expediente**  
**Escola Nacional dos Farmacêuticos**  
**Revisão:** Lenise Costa  
**Colaboração:** Fernanda Manzini e Adelir da Veiga  
**Editoração e projeto Gráfico:** Movimento Web e Artes Gráficas  
**Tiragem:** 2 mil exemplares

### **Ficha Catalográfica**

C2532m

Carvalho, Marselle Nobre de.  
Mercado de trabalho farmacêutico no Brasil : 2010 a 2015 / Marselle Nobre de  
Carvalho, Silvana Nair Leite. — São Paulo : Escola Nacional dos Farmacêuticos, 2016.  
32 p.

ISBN: 978-85-69844-01-3

1. Farmácia no Brasil - Cursos. 2. Mercado de Trabalho Farmacêutico. 3. Âmbito  
Profissional. 4. Prática Farmacêutica. I. Leite, Silvana Nair. II. Título.

CDD 615.19

# Sumário

---

Apresentação .....	<b>07</b>
Introdução .....	<b>09</b>
A oferta: os cursos de graduação em Farmácia no Brasil .....	<b>11</b>
A demanda: o mercado de trabalho Farmacêutico no Brasil .....	<b>15</b>
A Força de trabalho é jovem e feminina.....	<b>16</b>
O emprego é predominante no setor privado .....	<b>18</b>
A remuneração do Farmacêutico .....	<b>24</b>
A distribuição regional é concentrada.....	<b>25</b>
Referências.....	<b>27</b>



# APRESENTAÇÃO

Este livreto surge como uma colaboração para o debate sobre a formação e o mercado de trabalho formal da profissão farmacêutica no Brasil, sobretudo por olhar o farmacêutico como um trabalhador de saúde que atua no comércio varejista de medicamentos, na indústria farmacêutica e nos serviços, especialmente no Sistema Único de Saúde (SUS).

O conteúdo está distribuído em duas seções, sendo uma sobre a oferta de farmacêuticos no mercado de trabalho e outra sobre a demanda ou distribuição dos postos de trabalho ocupados por farmacêuticos no mercado formal de trabalho do Brasil.

Na seção sobre a oferta, o farmacêutico encontrará dados e informações sobre os cursos de Farmácia, distribuídos por instituições de ensino superior públicas e privadas, discrepâncias entre vagas, ingressos e egressos, bem como crescimento da participação das mulheres como ingressantes e concluintes dos quase 500 cursos do país.

Na seção seguinte, são discutidos os aspectos do mercado de trabalho do farmacêutico no período de 2010 a 2015, especialmente em relação à participação das mulheres na força de trabalho, dos setores público e privado, questões regionais e remuneração média do trabalhador em salários mínimos e valor nominal.

Certamente este livreto permite uma ampla visualização do mercado de trabalho farmacêutico do Brasil e os seus aspectos mais relevantes, atendendo aos anseios das entidades que atuam na defesa e valorização do trabalho farmacêutico, tais como os sindicatos, as associações, os conselhos e a academia.

**RONALD FERREIRA DOS SANTOS**

Presidente da Federação Nacional dos Farmacêuticos





## INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho em saúde não se restringe apenas aos estabelecimentos e serviços que compõem os sistemas de saúde nos países, embora representem uma importante parcela dos postos de trabalho em muitos países e se relacionem, direta e indiretamente, com todos os segmentos da sociedade e setores produtivos. Pode-se dizer que há trabalhadores de saúde na agricultura, no comércio e serviços, na indústria, nos setores público e privado etc.

Nos sistemas de saúde, os trabalhadores possuem papel estratégico, sobretudo para o alcance das metas das políticas globais e locais de cada país. Contudo, a participação dos trabalhadores em saúde no mercado de trabalho começa pela formação e definição da oferta das diferentes ocupações e profissões de saúde, cada uma com seus próprios mecanismos de escolhas e organização.

Além da oferta, a demanda por serviços de saúde organizados num sistema de saúde também cumpre importante papel no equilíbrio da força de trabalho. Assim, a manutenção de um equilíbrio razoável entre números, diversidade e habilidades da força de trabalho em saúde depende da compreensão das forças que movem e desafiam os sistemas de saúde – e de educação – e a demanda por trabalhadores nos diversos mercados de trabalho (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2007).

A oferta de trabalhadores corresponde ao número de pessoas disponíveis para o trabalho em determinado setor de atividade ou tipo de ocupação em determinada região. Dentre as profissões e ocupações fortemente regulamentadas, como é o caso das profissões de saúde, a dinâmica dos mercados de trabalho é fortemente dependente das potencialidades e tempos do sistema educacional e da própria regulação profissional. Já a demanda, corresponde ao número de postos ou posições de trabalho disponíveis (ocupados e vacantes) no setor e o tipo de ocupação por áreas geográficas em determinado período de tempo (GIRARDI e WAN DER MASS, 2011).

Os farmacêuticos compõem a força de trabalho em saúde e variam consideravelmente entre países e regiões segundo vários fatores, dentre os quais o nível econômico do país. Por exemplo, o continente africano tem menos farmacêuticos que farmácias por 10.000

habitantes, enquanto a situação na Europa é praticamente o oposto: menos farmácias e mais farmacêuticos. Além disso, o emprego farmacêutico na África, Oriente Médio e Sudeste Asiático é predominantemente composto por homens. Na Europa e Américas, as mulheres são a maioria da força de trabalho farmacêutico. No Reino Unido, Irlanda, Canadá e EUA, a distribuição entre os sexos varia de acordo com a faixa etária: as mulheres predominam na faixa entre 30 e 45 anos e os homens, na situada acima de 50 anos. A distribuição também é desigual entre áreas urbana e rural ou locais remotos, principalmente em países pouco desenvolvidos, como é o caso do continente Africano (HAWTHORNE e ANDERSON, 2009; FIP, 2012).

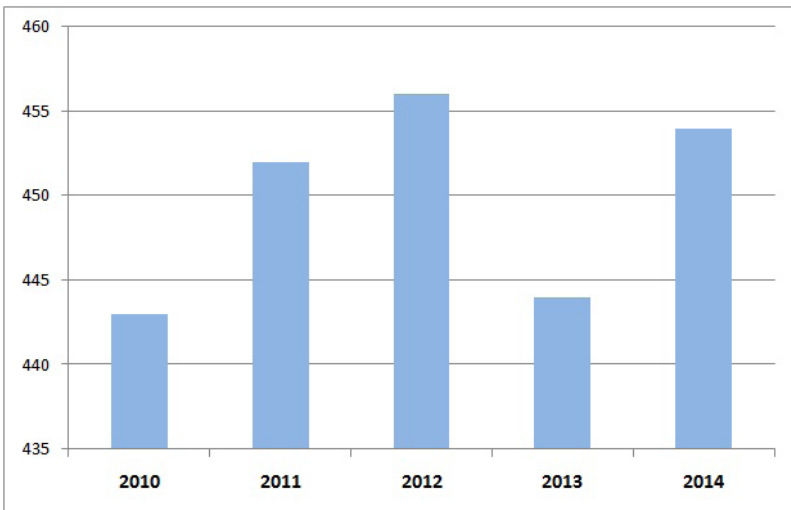
Diante da evidente importância dos trabalhadores para os sistemas de saúde, do fato incontestado que os farmacêuticos são trabalhadores de saúde, das inúmeras mudanças ocorridas na assistência farmacêutica no Brasil e da experiência das autoras como professoras de graduação e pós-graduação na área da Farmácia, colaboradoras da Federação Nacional dos Farmacêuticos e diretoras da Escola Nacional dos Farmacêuticos, este livreto contém parte da primeira tese sobre o trabalho farmacêutico defendida no Brasil, que recebeu o título 'O farmacêutico na composição da força de trabalho da atenção primária do SUS', defendida em 31 de maio de 2016 por Marselle Nobre de Carvalho sob orientação de Silvana Nair Leite, e serve como referencial teórico útil às entidades farmacêuticas - sindicatos, conselhos, associações, entre outros - em seus debates, lutas e enfrentamentos cotidianos no país.

## A OFERTA: OS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM FARMÁCIA NO BRASIL

Os cursos de Farmácia no Brasil foram criados em 1832, funcionando nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. A primeira escola exclusiva para o ensino da profissão só surgiu em 1839, em Ouro Preto. A partir da década de 1930, o ensino passou por várias mudanças curriculares, relacionadas principalmente às transformações da prática farmacêutica (SATURNINO et al, 2012).

No período de 2010 e 2014, o número de cursos de Farmácia passou de 443 para 454, ou seja, crescendo apenas 2% (figura 1).

Figura 1. Evolução do número de cursos de Farmácia no Brasil (2010 – 2014)



Fonte: SIGRAS (2016).

Entre 2003 e 2008, houve o incremento de 142 cursos, sendo o período de 2009 a 2013 marcado por pequena oscilação do número de cursos, com retração em alguns momentos, como é o caso de 2009-2010 (redução de um curso) e 2012-2013 (redução de oito cursos) (SIGRAS, 2016).

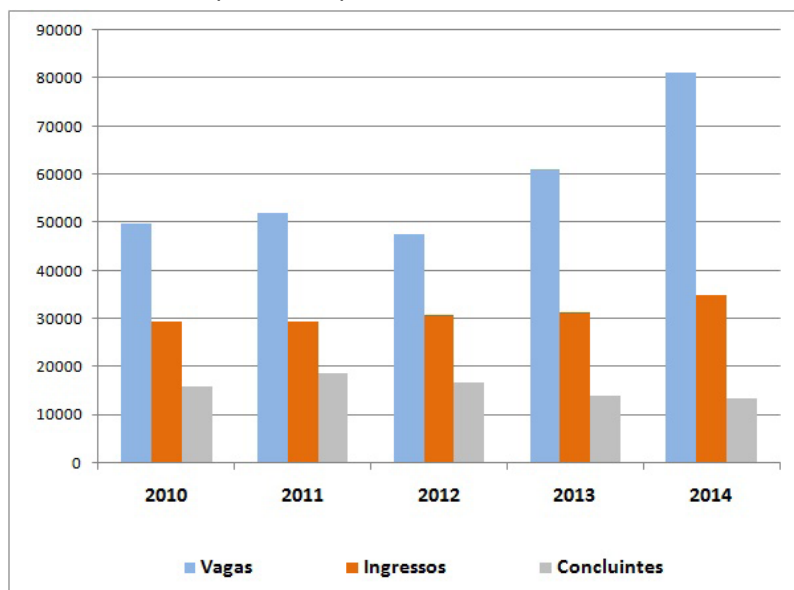
Em 2010, foram ofertadas 49.855 vagas e ingressaram 29.408 novos estudantes. Em 2012, o número de vagas cai para 47.632, mas o de ingressos se mantém crescente, com 30.854 estudantes. Após

quatro anos, o número de vagas ofertadas aumentou para 81.185 e o de ingressos, para 34.913 estudantes, equivalentes a taxas de crescimento bruto de 63% e 19% respectivamente (figura 2).

De forma geral, o aumento do número de cursos veio acompanhado da ampliação das vagas e, conseqüentemente, do crescimento do número de ingressos na formação superior em Farmácia. Contudo, dois fenômenos evidenciados na figura 2 merecem destaque: a) o desequilíbrio entre vagas e ingressos e b) a queda no número de concluintes no período analisado.

Em 2010, os cursos de Farmácia ofertaram 16.091 concluintes ao mercado de trabalho. Em 2014, 13.457 futuros farmacêuticos foram disponibilizados ao mercado de trabalho do país (figura 2).

**Figura 2. Evolução do número de vagas, inscrites, ingressos e concluintes dos cursos de Farmácia (2010 – 2014)**

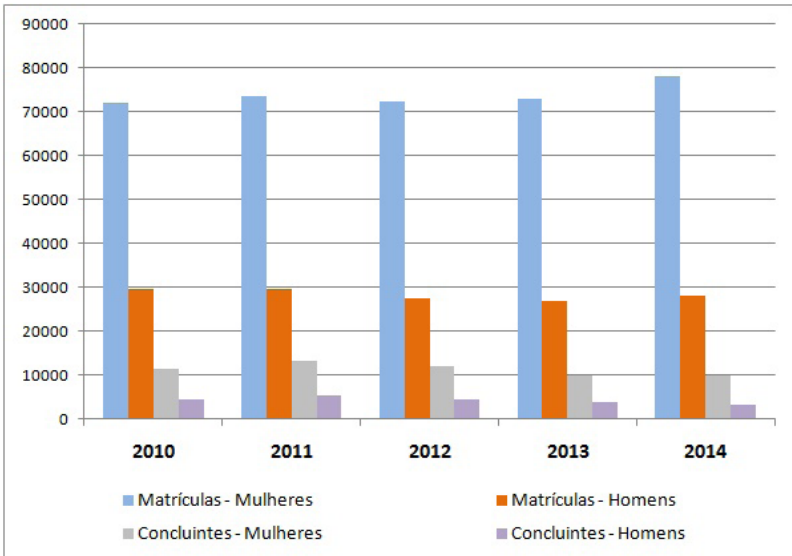


Fonte: SIGRAS (2016).

Concomitantemente ao crescimento do número de cursos, de vagas e de ingressos, cresceu também a participação das mulheres. Em 2010 havia 72.149 mulheres matriculadas nos cursos de Farmácia e os homens somavam 29.820. Em 2014 havia 78.266 mulheres matri-

culadas, representando mais de 70% do total de estudantes matriculados. Observa-se que a taxa de crescimento bruto das mulheres é positiva (8%) e a dos homens é negativa (-5%) no período analisado, ou seja, além de ter aumentado a participação das mulheres, houve retração entre os homens (figura 3).

**Figura 3. Distribuição de matrículas e concluintes nos cursos de Farmácia, segundo o sexo (2010 – 2014).**

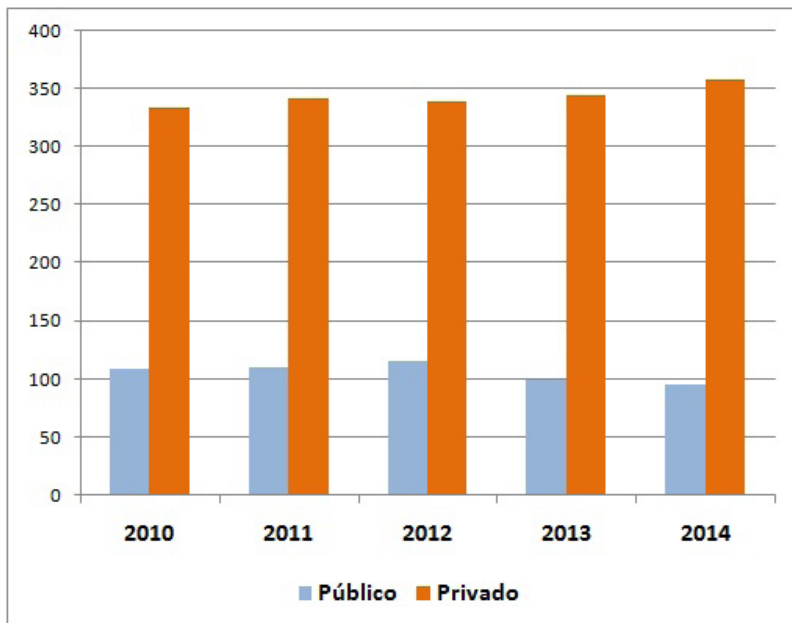


Fonte: SIGRAS (2016).

Quanto aos concluintes, o comportamento é semelhante: a participação das mulheres é maior que a dos homens. Entretanto, entre 2010 e 2014, o número de mulheres e homens decresceu a taxas de 14% e 21%, respectivamente. Apesar do aumento no número de vagas e inscritos, o número de ingressos e concluintes caiu no período, sendo as maiores reduções evidenciadas entre os homens.

Entre 2010 e 2014, o número de cursos de Farmácia de Instituições de Ensino Superior (IES) privadas passou de 334 para 358, significando incremento de 24 cursos em quatro anos, ou seja, algo em torno de seis cursos por ano. Já no setor público, houve redução de treze cursos, equivalente a uma taxa de decréscimo de 13% no período analisado (figura 4).

**Figura 4. Distribuição de cursos de Farmácia entre IES públicas e privadas (2010 – 2014).**



Fonte: SIGRAS (2016).

Embora a maioria dos cursos de Farmácia pertença ao setor privado, as IES públicas experimentaram crescimento entre 2010 e 2012, passando de 109 a 116 cursos no período. A redução se iniciou em 2013 e se manteve em 2014, sendo de 15% em 2013/2012 e de 3 em 2014/2013.

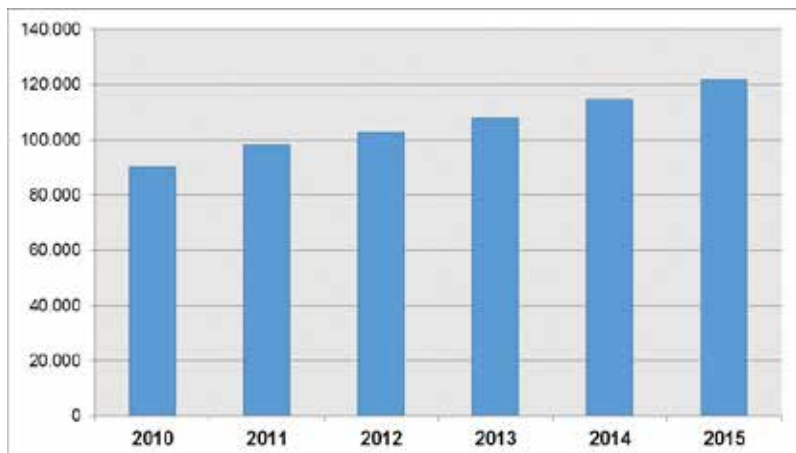
Na última década, ambos os setores foram fortemente estimulados pelo governo federal por meio de alguns programas importantes. As instituições privadas receberam dois grandes estímulos para ampliação de cursos, vagas e ingressos: o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e o Programa Universidade para Todos (ProUni). O primeiro é um programa de financiamento destinado a estudantes matriculados em instituições privadas de educação superior e o segundo, criado em 2004, consiste na concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e de cursos sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior (PIERANTONI et al, 2012).

## A DEMANDA: O MERCADO DE TRABALHO FARMACÊUTICO NO BRASIL

O mercado formal de trabalho das profissões de saúde apresentou comportamento crescente ao longo do tempo. Entre 1970 e 1980, todas as profissões regulamentadas experimentaram crescimento positivo, mesmo sendo um mercado predominantemente composto por médicos. O contingente de médicos cresceu 125% no período – inferior à enfermagem (142%) e superior aos odontólogos ou cirurgiões-dentistas (81%) e farmacêuticos (34%) – e ocupou 75% dos postos de trabalho em todos os estabelecimentos de saúde do país (MÉDICI, 1986).

No período de 1995 a 2000, caracterizado por retração do mercado de trabalho de algumas profissões de saúde, como cirurgião-dentista (1,3%), enfermagem (1,9%) e serviço social (5,4%), o número de empregos farmacêuticos cresceu 31,5%, enquanto o de psicólogos cresceu 16,1%, de nutricionistas, 8,2% e de médicos, 4,1%. À exceção dos médicos, que sempre possuem estoques constantes de profissionais no mercado, o farmacêutico passou a figurar dentre as profissões que mais cresceram nas últimas décadas (WAN DER MASS et al, 2014; GIRARDI e CARVALHO, 2002).

**Figura 5. Distribuição dos farmacêuticos com vínculo formal ativo por ano no Brasil (2010 - 2015).**



Fonte: RAIS - MTE (BRASIL, 2015a).

Na figura 5, se observa que o número de farmacêuticos com emprego formal passou de 90.205 para 122.007 entre 2010 e 2015. O crescimento no período 2015/2010 foi de 35%, superior, portanto, aos 31,5% do período 2000/1995.

## **A FORÇA DE TRABALHO É JOVEM E FEMININA**

Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), em 2015 mais de 80% da força de trabalho farmacêutica tem entre 18 a 49 anos. Entre 2010 e 2015, a faixa de 18 a 29 anos, que representa pouco mais de 30% do total de farmacêuticos, cresceu 11% e a de 30 a 49 anos teve incremento bruto de 60%. Embora pouco representativa, a faixa acima de 65 anos cresceu 30% (tabela 1).



**Tabela 1. Distribuição do número de farmacêuticos com vínculo formal ativo por faixa etária. Brasil (2010 - 2015).**

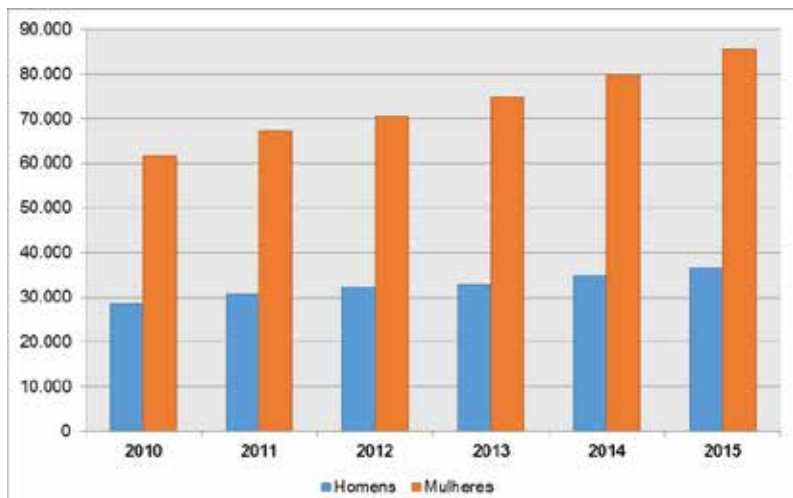
Ano	18 a 29 anos		30 a 49 anos		50 a 64 anos		> 65 anos		Total
2010	35.518	39%	43.990	49%	9.645	11%	1.047	1%	90.205
2011	37.700	38%	49.140	50%	10.046	10%	1.040	1%	97.928
2012	38.117	37%	53.427	52%	10.038	10%	1.110	1%	102.694
2013	39.239	36%	57.539	53%	9.843	9%	1.162	1%	107.785
2014	39.458	34%	63.646	56%	10.243	9%	1.272	1%	114.619
2015	39.445	32%	70.344	58%	10.854	9%	1.364	1%	122.007

Fonte: RAIS - MTE (BRASIL, 2015a).

A força de trabalho da profissão farmacêutica passou por um processo de feminização, que se refere, em tese, ao crescimento do número de mulheres em algumas profissões que historicamente eram desempenhadas por homens, como exemplo a da medicina e da odontologia. Segundo os Censos 1970 e 2000, a participação feminina na farmácia cresceu de 11,3% para 63,4% no período. Enquanto a medicina saiu do mesmo patamar que a farmácia (11,6%), chegou ao ano 2000 com aproximadamente 35% de mulheres nos empregos médicos. Já a enfermagem, historicamente feminina, caiu de 95,8% para 90,4% no mesmo período (BRASIL, 2007; WERME-LINGER et al, 2010).

Entre 2010 e 2015, o número de mulheres farmacêuticas passou de 61.672 para 85.482, enquanto o de homens cresceu de 28.533 para 36.525 (figura 6).

**Figura 6. Distribuição dos farmacêuticos com vínculo formal ativo, segundo o sexo. Brasil (2010 - 2015).**



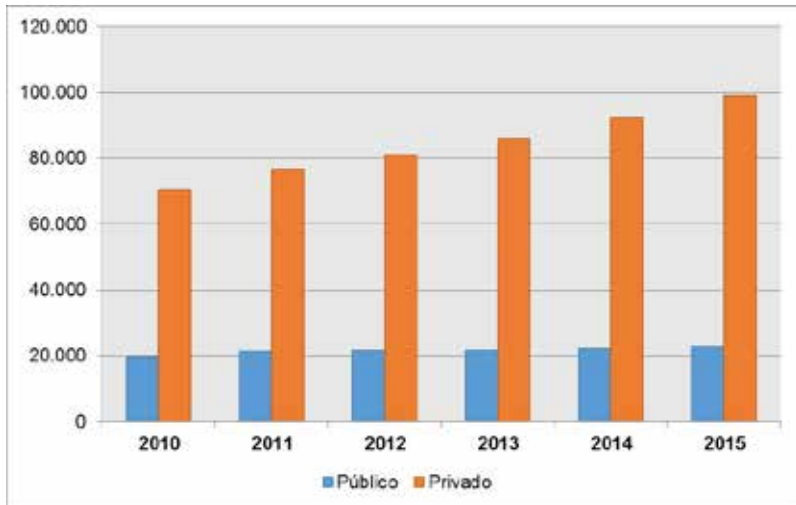
Fonte: RAIS - MTE (BRASIL, 2015a).

No período 2015/2005, se observa a entrada de 48.558 mulheres no mercado, um incremento de 132%, e o aumento da diferença entre os sexos, que em 2015 ultrapassava 48 mil trabalhadores. Assim, a participação das mulheres na força de trabalho da profissão farmacêutica no Brasil se aproxima do nível europeu (70%), em especial de países como Alemanha, França e Itália, e está acima da média das Américas (66%), superando países como EUA e Canadá (FIP, 2012).

## **O EMPREGO É PREDOMINANTE NO SETOR PRIVADO**

O número de farmacêuticos empregados no setor privado saltou de 70.385 em 2010 para 98.978 em 2015, enquanto no setor público cresceu de 19.820 para 23.029 no mesmo período (figura 7).

Figura 7. Distribuição dos farmacêuticos com vínculo formal ativo, segundo a natureza jurídica do estabelecimento. Brasil (2010 - 2015).

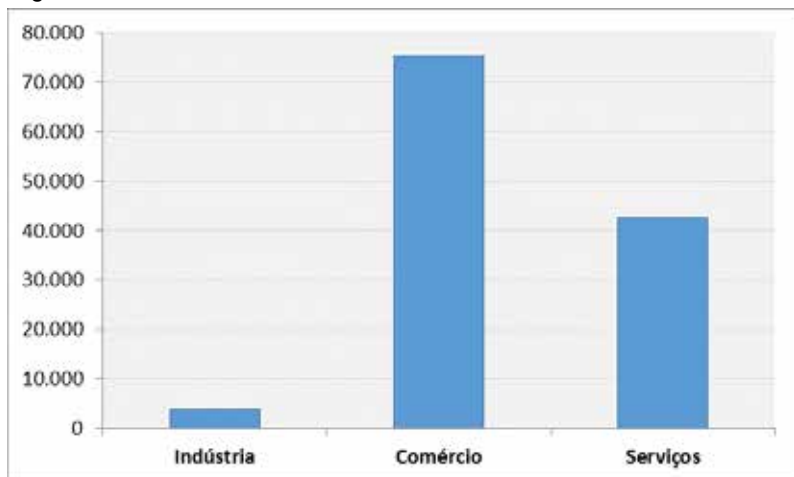


Fonte: RAIS - MTE (BRASIL, 2015a).

Ao contrário da maioria das profissões de saúde, os farmacêuticos atuam predominantemente no setor privado lucrativo em razão da própria característica comercial da indústria farmacêutica e, principalmente, das farmácias privadas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tais negócios estão classificados como atividade de comércio, enquanto ao setor de serviço cabem as atividades relacionadas à assistência a saúde humana, seja no setor público ou privado.

De fato, em 2015, a maioria (62%) dos farmacêuticos do mercado formal de trabalho estava empregado no comércio, seguido dos setores de serviço (35%) e indústria (3%) (figura 8).

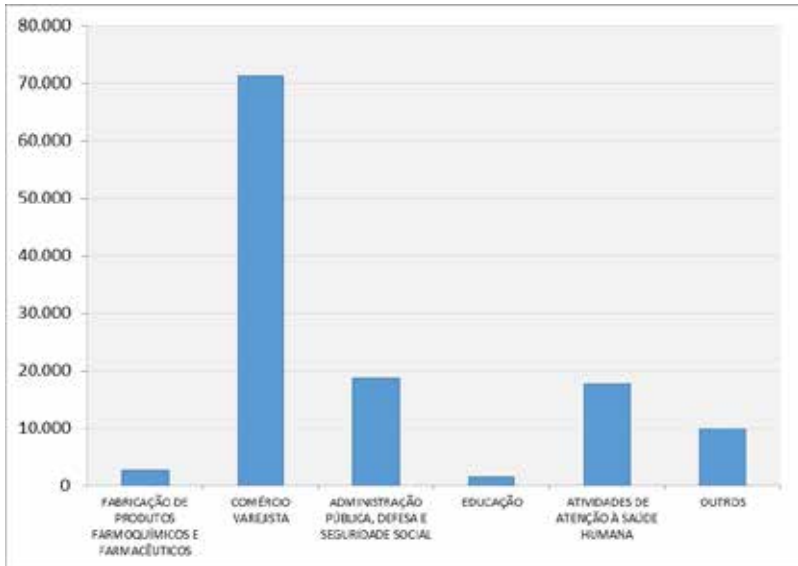
**Figura 8. Distribuição dos farmacêuticos com vínculo formal ativo por setor, segundo o IBGE. Brasil (2015)**



Fonte: RAIS - MTE (BRASIL, 2015a).

A figura 9 contém as principais atividades econômicas dos farmacêuticos no mercado formal de trabalho em 2015. A maioria (58%) do emprego farmacêutico encontra-se no comércio varejista de medicamentos (farmácias privadas), seguido da administração pública, defesa e seguridade social (15%) e atividades de atenção à saúde humana (15%).

**Figura 9. Distribuição dos farmacêuticos com vínculo formal ativo por atividade econômica, segundo classificação do CNAE. Brasil (2015)**



Fonte: RAIS - MTE (BRASIL, 2015a).

De acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), as farmácias comerciais privadas são classificadas na classe “comércio varejista de produtos farmacêuticos para uso humano e veterinário”, que consiste em um dos ramos mais importantes do mercado farmacêutico brasileiro, sendo responsável por 76% dos medicamentos consumidos pela população (BRASIL, 2007).

A abertura de farmácias e drogarias no Brasil possui legislação específica, na qual se destaca a lei 5.991, de 1973, que regulamenta comércio de medicamentos no país e exige a presença do farmacêutico durante todo o período de funcionamento da farmácia. Apesar dessa exigência, tais estabelecimentos sempre foram tratados como simples comércio. Esse cenário começou a se modificar a partir de 1990, com a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), da publicação da Política Nacional de Medicamentos (PNM), da Lei de Genéricos e da criação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). A ideia central nesse momento era ampliar e assegurar o acesso da população a medicamentos eficazes, seguros e de qualidade, ao menor preço possível (BRASIL, 1973; MIZIARA, 2013; OLIVEIRA FILHO, 2013; NISHIJIMA, BIASOTO JR, LAGROTERIA, 2014).

Entre 2006 e 2013, o número de estabelecimentos cadastrados na RAIS (MTE) nessa classe cresceu 24%, passando de 59.378 para 73.895 estabelecimentos no país (BRASIL, 2015a). Segundo o Conselho Federal de Farmácia (CFF), o número de farmácias e drogarias registradas em 31 de dezembro de 2013 era de 75.716 estabelecimentos (CFF, 2014).

O fenômeno observado no Brasil é semelhante ao restante do mundo: o farmacêutico trabalha predominantemente nas farmácias. Em 2012, 55% dos farmacêuticos trabalhavam em farmácias comunitárias, 18% em hospitais, 10% na indústria, 5% na pesquisa e na educação superior e 5% na regulação (FIP, 2012).

Embora o setor privado corresponda, desde a década de 1990, a mais de 80% dos empregos da profissão farmacêutica (GIRARDI e CARVALHO, 2002), o setor público merece destaque pelo desempenho em 2010 e 2011, com participação superior a 20% (tabela 2).

**Tabela 2. Mercado de trabalho formal do farmacêutico por setor. Brasil (2010 – 2015)**

Ano	Público		Privado	
	n	%	n	%
2010	19.820	22%	70.385	78%
2011	21.391	22%	76.537	78%
2012	21.556	21%	81.138	79%
2013	21.733	20%	86.052	80%
2014	22.323	19%	92.296	81%
2015	23.029	19%	98.978	81%

Fonte: RAIS - MTE (BRASIL, 2015a).

Segundo o CNES, entre 2007 e 2015, o número de postos de trabalho ocupados por farmacêuticos em estabelecimentos do SUS aumentou de 12.122 para 28.271, significando um incremento de 106% (BRASIL, 2015b).

Em 2015, a maioria (31%) dos farmacêuticos estava cadastrada em hospital geral, seguidos das UBS (21%) e farmácias do Programa Far-

mácia Popular do Brasil ou do componente especializado de medicamentos (10%). Os prontos-socorros e os laboratórios de saúde pública continham o menor número de farmacêuticos cadastrados, o que pode significar espaços a serem ocupados pela profissão farmacêutica, sobretudo a rede de urgência e emergência do país (figura 10).

**Figura 10. Principais estabelecimentos de saúde do setor público com farmacêuticos cadastrados no CNES. Brasil (2015)**



Fonte: DATASUS (BRASIL, 2015b)

O incremento da força de trabalho dos farmacêuticos deve ser resultado do crescimento do próprio setor saúde, que ampliou a oferta de postos de trabalho na última década. A participação do farmacêutico na atenção básica do SUS cresceu 75% no período 2008-2013, conforme o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), o que provavelmente se deve à implantação do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), em 2008, visto que demanda equipes compostas por profissionais de diferentes áreas de conhecimento para atuar em parceria com os profissionais das Equipes Saúde da Família.

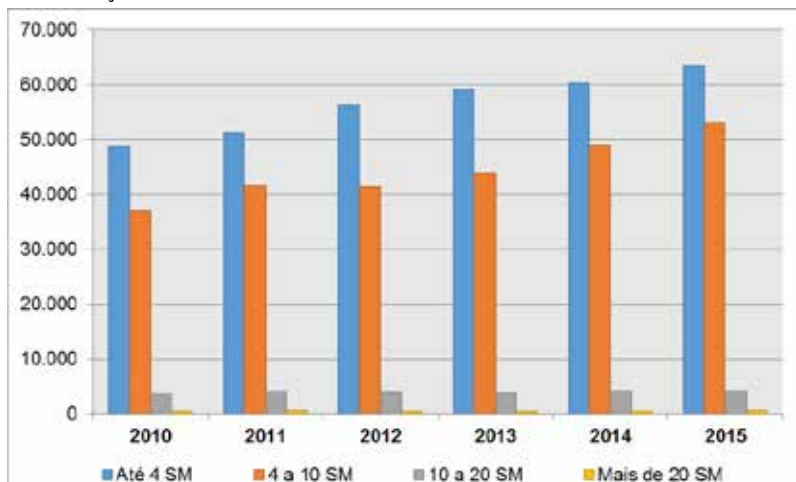
Além dos farmacêuticos, algumas ocupações que podem compor as equipes NASF cresceram a taxas acima de 70%, como é o caso dos professores de educação física (145%), fisioterapeutas (78%), nutricionistas (83%) e terapeutas ocupacionais (79%). O número de

fonoaudiólogos e psicólogos cresceu entre 40 e 60%. Portanto, o aumento do emprego formal do farmacêutico no setor público a partir de 2008, como mostrado na figura 3, pode ter relação direta com a implantação do NASF (CARVALHO et al, 2016).

## A REMUNERAÇÃO DO FARMACÊUTICO

As faixas de remuneração média de até 4SM e entre 4 e 10SM cresceram entre 2010 e 2015, enquanto as faixas de rendas médias superiores a 10SM se mantiveram relativamente constantes no período (figura 11).

Figura 11. Distribuição dos farmacêuticos com vínculo formal ativo, segundo a remuneração média em Salários Mínimos (SM). Brasil (2010 - 2015)



Fonte: RAIS - MTE (BRASIL, 2015a).

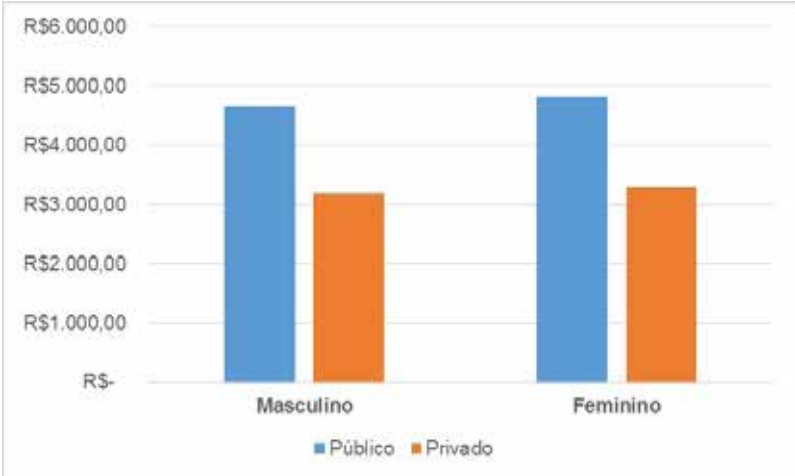
Pouco mais da metade dos farmacêuticos ocupados no mercado formal de trabalho está situada na faixa de até 4SM, enquanto aproximadamente 40% possui remuneração média mensal entre 4 e 10SM. Apenas 4% está na faixa de 10 a 20SM e menos de 1% percebe remuneração superior a 20SM. Considerando o salário mínimo brasileiro de R\$880,00 em 2015, a maioria dos farmacêuticos percebe remuneração média mensal de até R\$3.520,00.

Em 2015, o valor da remuneração média foi de R\$3.542,31. O setor público possui os maiores valores nominais (superiores a R\$6.000,00), enquanto o valor médio é pouco maior que R\$3.000,00 nas empresas privadas.



Praticamente não há diferença de valor nominal médio entre os salários de homens e mulheres. Contudo, observa-se na figura doze que as mulheres perceberam salários inferiores aos homens no ano de 2015 no setor privado.

**Figura 12.** Distribuição da remuneração média do farmacêutico em valor nominal (R\$), segundo setor do estabelecimento e sexo do trabalhador. Brasil (2015)



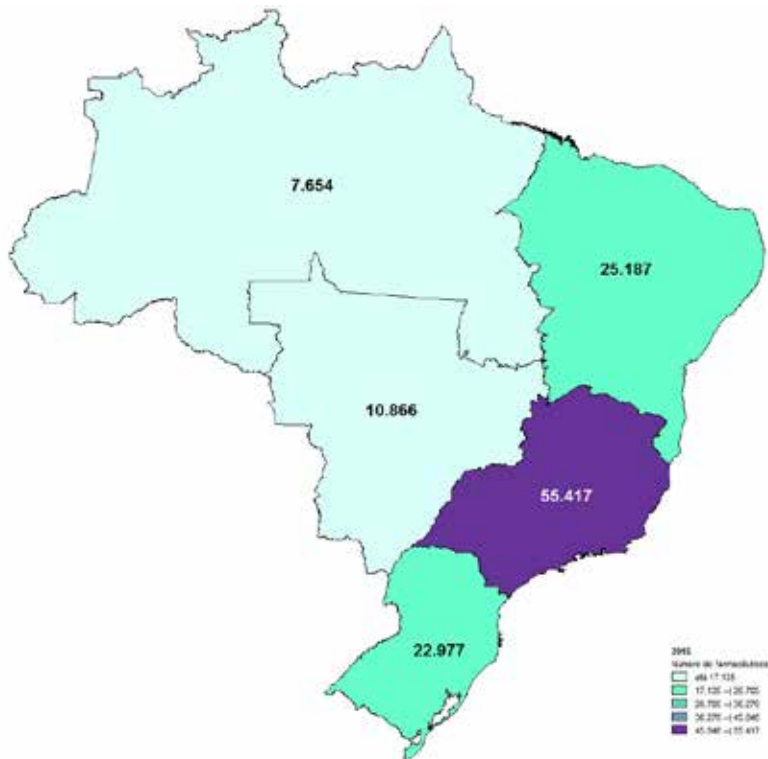
Fonte: RAIS - MTE (BRASIL, 2015a).

O aumento da participação do farmacêutico no setor público é um apontamento importante. Esse fenômeno é resultado de uma combinação de fatores, mas um merece destaque: o crescimento da assistência farmacêutica no SUS nas últimas décadas, especialmente depois da extinção da Central de Medicamentos (CEME), em 1997, da publicação da Política Nacional de Medicamentos (PNM), em 1998, da Lei dos Genéricos, em 1999, e da Política Nacional de Assistência Farmacêutica, em 2004 (SATURNINO et al, 2012).

## **A DISTRIBUIÇÃO REGIONAL É CONCENTRADA**

Os empregos formais dos farmacêuticos estão regionalmente concentrados no Brasil. Em 2015, as regiões brasileiras participaram da seguinte maneira: o Norte com 6%, o Nordeste com 21%, o Centro-Oeste com 9%, o Sudeste com 45% e o Sul com 19% do mercado de trabalho formal dos farmacêuticos do país (Mapa 1).

**Mapa 1. Distribuição do número de farmacêuticos com vínculo formal de trabalho por regiões Brasil (2015).**



Fonte: RAIS - MTE (BRASIL, 2015a).

A capital brasileira com o menor número de farmacêuticos empregados é Macapá, com 175 profissionais registrados. São Paulo possui o maior número de empregos formais ativos, com 24.212 vínculos, representando 49% dos empregos da região Sudeste (BRASIL, 2015a).

Em todas as regiões, a participação é predominantemente feminina, variando de 61% na região Nordeste a 76% no Sul do país. O setor privado é o maior empregador, variando de 60% no Norte a 83% na região Sudeste. Para se ter a dimensão da participação dessa região nos empregos privados, somente a cidade de São Paulo emprega 18.932 farmacêuticos, equivalentes a 46% do total de vínculos de trabalho formais ativos de toda a região (BRASIL, 2015a).

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei no 5.991, de 17 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o controle sanitário do comércio de drogas, medicamentos, insumos farmacêuticos e correlatos, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder executivo, Brasília, DF, 19 dez 1973, seção I, p. 13.049. Disponível em [http://www.paulinia.sp.gov.br/downloads/Lei%205991\\_1973.pdf](http://www.paulinia.sp.gov.br/downloads/Lei%205991_1973.pdf).
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL). Classificação Nacional de Atividades Econômicas. Versão 2.0. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/classificacoes/cnae2.0/cnae2.0.pdf>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Bases Estatísticas RAIS e CAGED, 2015a. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/inicial.php>.
- BRASIL. Departamento de Informática do Ministério da Saúde (DATASUS), 2015b. Disponível em: <http://datasus.saude.gov.br/>.
- CARVALHO, Marselle Nobre de. O farmacêutico na composição da força de trabalho da atenção primária do SUS. Brasília: UnB, 2016. (Tese).
- GIRARDI, Sábado Nicolau et al. Boletim Sinais de Mercado de Trabalho em Saúde. Ano 11, n. 1. Belo Horizonte: NESCON/UFMG, janeiro a março/2012.
- CARVALHO Marselle Nobre de et al. Expansão e diversificação da força de trabalho de nível superior nas Unidades Básicas de Saúde no Brasil, 2008 - 2013. Saúde em Debate. Junho, 2016. 40(109): 154-162. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042016000200154&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042016000200154&lng=pt).
- CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). Entrevista com Walter Jorge da Silva João. Farmácias: uma abordagem sanitária, em 21/01/2014. Disponível em <http://www.cff.org.br/noticia.php?id=1628>.
- COSTA, Simone de Melo, DURÃES Sarah Jane Alvez, ABREU, Mauro Henrique Nogueira Guimarães de. Feminização do curso de odontologia da Universidade Estadual de Montes Claros. Rio de Janeiro. Ciência & Saúde Coletiva, 2010, 15(1): 1865-1873. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s1/100.pdf>.
- GIRARDI, Sábado Nicolau; CARVALHO, Cristiana Leite. Configurações do mercado de trabalho dos assalariados em saúde no Brasil. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Formação: Mercado de Trabalho em Saúde, 2002, 6: 15-36. Disponível em <http://bvsm.saude.gov.br/bvs/publicacoes/profae/Revista2006.pdf>.

GIRARDI, Sábado Nicolau; WAN DER MASS, L. Informações sobre Mercado de Trabalho em Saúde: Conceitos e bases de dados. Belo Horizonte: NESCON/UFGM, 2011.

GIRARDI, Sábado Nicolau. O perfil do “emprego” em saúde no Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 2, n.4, 1986. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1986000400003>.

HAWTHORNE, Nicola; ANDERSON, Claire. The global pharmacy workforce: a systematic review of the literature. Human Resources for Health, 2009, 7(48). Disponível em: <http://www.human-resources-health.com/content/7/1/48>.

INTERNATIONAL PHARMACEUTICAL FEDERATION (FIP). FIP Global Pharmacy: Workforce Report, 2012. Disponível em: [http://www.fip.org/files/members/library/FIP\\_workforce\\_Report\\_2012.pdf](http://www.fip.org/files/members/library/FIP_workforce_Report_2012.pdf).

MACHADO, Maria Helena; OLIVEIRA, Eliane dos Santos; MOYSES, Neuza Maria Nogueira. Tendências do mercado de trabalho em saúde no Brasil, In: PIERANTONI, Célia Regina; POZ, Mário Roberto Dal, FRANÇA, Tania. (Org.). O Trabalho em Saúde: Abordagens quantitativas e qualitativas. 1ª ed. Rio de Janeiro: CEPESC, UERJ, 2011, p. 103-116. Disponível em: <http://docplayer.com.br/523814-O-trabalho-em-saude-abordagens-quantitativas-e-qualitativas.html>.

MÉDICI, André Cezar. A força de trabalho em Saúde no Brasil dos anos 70: percalços e tendências. Revista de Administração Pública, 1986, 20(3): 54-69. Disponível em <http://www.spell.org.br/documentos/ver/14757/a-forca-de-trabalho-em-saude-no-brasil-dos-anos-70--percalcos-e-tendencias/i/pt-br>.

MIGUELOTE Vera Regina da Silva et al. Distribuição da Força de Trabalho: equidade e negociação. Rio de Janeiro. Physis Revista de Saúde Coletiva, 2008. 18(2): 317-338. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v18n2/v18n2a07.pdf>.

MIZIARA, Nathalia Molleis. Regulação do mercado de medicamentos: a CMED e a política de controle de preços. São Paulo: USP, 2013. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2133/tde-12022014-103446/pt-br.php>.

NISHIJIMA, Marislei; BIASOTO Jr, Geraldo; LAGROTERIA, Eleni. A competição no mercado farmacêutico brasileiro após uma década de medicamentos genéricos: uma análise de rivalidade em um mercado regulado. Campinas. Economia e Sociedade, 2014, 23(1): 155-186. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ecos/v23n1/a06v23n1.pdf>.

NOGUEIRA, Roberto Passos. A força de trabalho em saúde no contexto da reforma sanitária. Caderno de Saúde Pública. 1987, 3(3): 332-342. Disponível em: [http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1987000300011&lng=pt](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1987000300011&lng=pt).

OLIVEIRA FILHO, José Batista. O mercado farmacêutico de varejo no Distrito Federal do Brasil de 2000 a 2012. Brasília: UNB, 2013. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14306/1/2013\\_JoseBatistaOliveiraFilho.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14306/1/2013_JoseBatistaOliveiraFilho.pdf).

- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Trabalhando juntos pela saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: [http://www.who.int/whr/2006/06\\_overview\\_pr.pdf](http://www.who.int/whr/2006/06_overview_pr.pdf).
- PIERANTONI, Célia Regina et al. Graduações em saúde no Brasil: 2000-2010. Rio de Janeiro: Cepesc: IMS/UERJ, 2012.
- SATURNINO, Luciana Tarbes Mattana et al. Farmacêutico: um profissional em busca de sua identidade. Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Farmácia. 2012, 93(1): 10-16. Disponível em: <http://www.rbfarma.org.br/files/rbf-2012-93-1-2.pdf>.
- SIGRAS. Sistema de Indicadores das Graduações de Saúde. 2016. Disponível em: <http://www.obsnetims.org.br/sigras/>.
- WAN DER MAAS, Lucas et al. Estudo de levantamento de aspectos demográficos, de formação e de mercado de trabalho das profissões de saúde nível superior no Brasil entre 1991 e 2010 (relatório final). Belo Horizonte: UFMG – NESCON, dezembro de 2014. Disponível em [http://epsm.nescon.medicina.ufmg.br/epsm/Relate\\_Pesquisa/Mercado%20de%20trabalho%20das%20profiss%C3%B5es%20de%20sa%C3%BAde%20de%20n%C3%ADvel%20superior%20no%20Brasil%20\(Rel.%20Final\).pdf](http://epsm.nescon.medicina.ufmg.br/epsm/Relate_Pesquisa/Mercado%20de%20trabalho%20das%20profiss%C3%B5es%20de%20sa%C3%BAde%20de%20n%C3%ADvel%20superior%20no%20Brasil%20(Rel.%20Final).pdf).
- WERMELINGER, Mônica et al. A Força de Trabalho do Setor de Saúde no Brasil: focalizando a feminização. Rio de Janeiro. Revista Divulgação em Saúde para Debate, 2010, 45: 54-70. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/A%20Forca%20de%20Trabalho%20do%20Setor%20de%20Saude%20no%20Brasil%20.pdf>.

# MINI-CURRICULO DAS AUTORAS

## **MARSELLE NOBRE DE CARVALHO**

Graduada em Farmácia pelo Centro de Ensino Superior do Pará (1998), mestre em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (2002) e doutora em Ciências Farmacêuticas pela Universidade de Brasília (2016). Atualmente é professora do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Londrina e diretora da Escola Nacional dos Farmacêuticos. Tem experiência em docência, pesquisa e extensão na área de Farmácia, com ênfase em Saúde Coletiva, Política de Saúde, Planejamento em Saúde, Assistência Farmacêutica, Avaliação de Tecnologias em Saúde, Força de Trabalho em Saúde e Trabalho Farmacêutico.

## **SILVANA NAIR LEITE**

Farmacêutica, doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2005). Atualmente é professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina e orientadora no PPG Ciências Farmacêuticas da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas e Serviços Farmacêuticos, coordenadora geral da Escola Nacional dos Farmacêuticos, dirigente da Federação Nacional dos Farmacêuticos (FENAFAR) e Conselheira Federal suplente pelo estado de Santa Catarina. Desenvolve atualmente projeto “Farmacêuticos em serviços de atenção primária à saúde: formação, força de trabalho e práticas profissionais no Brasil e outros países”, na Division of Social Research in Medicines and Health, School of Pharmacy, na University of Nottingham, Inglaterra.





**ESCOLA  
NACIONAL DOS  
FARMACÊUTICOS**

R. Barão de Itapetininga, 255 Conj. 1105 – 11º andar - CEP: 01042-001  
São Paulo - SP - Fone/fax: (11) 3259-1191 - [info@escoladosfarmaceuticos.org.br](mailto:info@escoladosfarmaceuticos.org.br)  
[www.escoladosfarmaceuticos.org.br](http://www.escoladosfarmaceuticos.org.br)